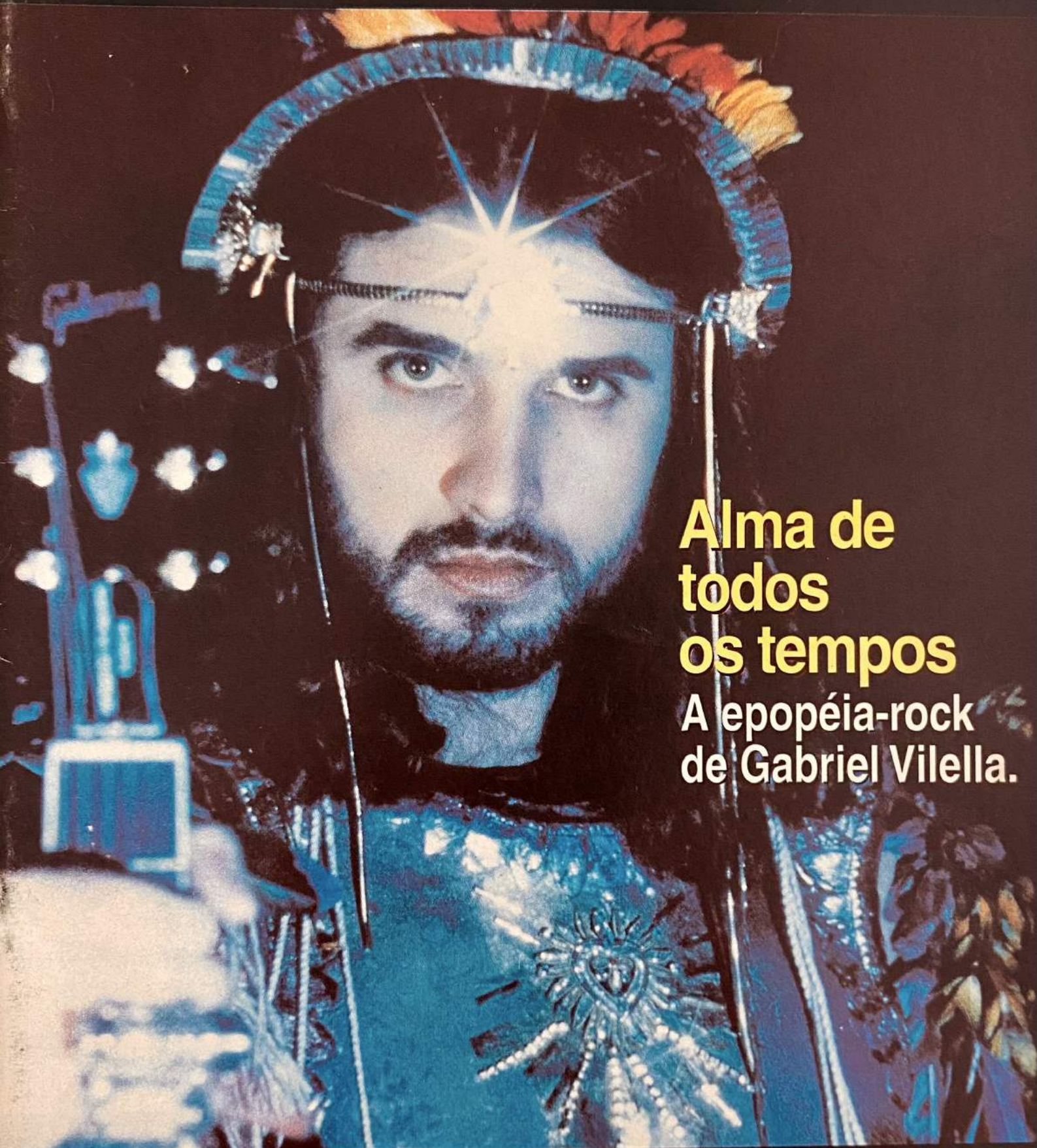
APLAUSO

ANO III Nº 16
R$ 2,00

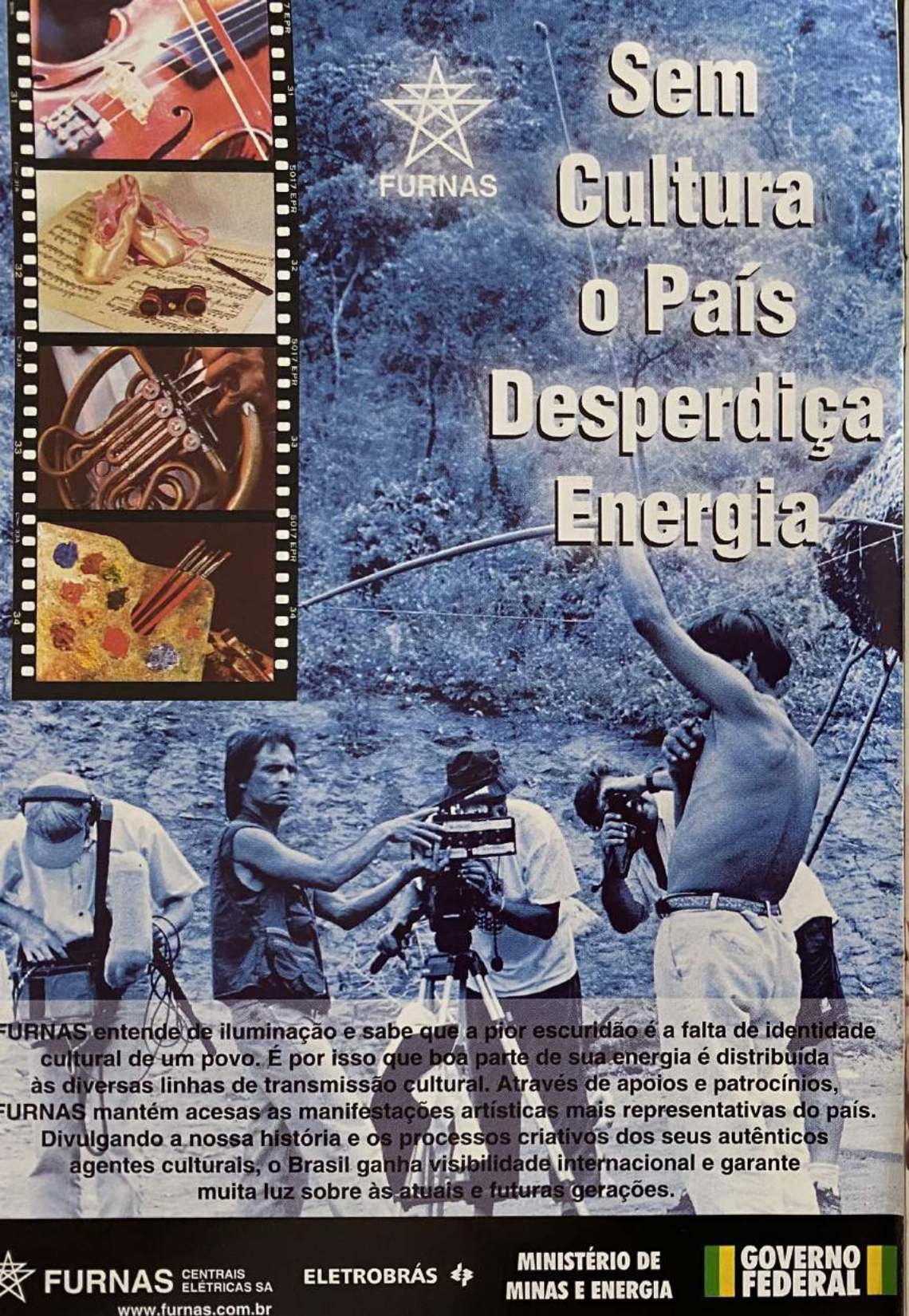
guia de teatro



Alma de todos os tempos

A epopéia-rock de Gabriel Vilella.

● Jornal do Teatro ● Peças em Cartaz ● Aloísio de Abreu ● Flávio Marinho
● Jorge Dória ● Luis Salém ● Ney Latorraca ● Sérgio Britto

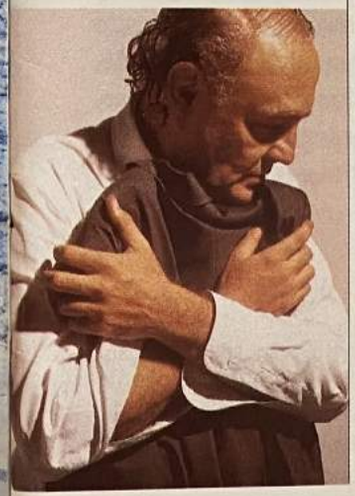

FURNAS
Sem Cultura o País Desperdiça Energia
FURNAS entende de iluminação e sabe que a pior escuridão é a falta de identidade cultural de um povo. É por isso que boa parte de sua energia é distribuída às diversas linhas de transmissão cultural. Através de apoios e patrocínios, FURNAS mantém acesas as manifestações artísticas mais representativas do país. Divulgando a nossa história e os processos criativos dos seus autênticos agentes culturais, o Brasil ganha visibilidade internacional e garante muita luz sobre às atuais e futuras gerações.
FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS SA
www.furnas.com.br
ELETROBRÁS
MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
GOVERNO FEDERAL

BASTIDORES

Muitas vezes teatro

"Embora tenha 55 anos de idade e esteja comemorando oficialmente 36 anos de carreira, comecei a representar quando tinha apenas 6 anos, fazendo rádio-novelas na Record. Era filho único de pais artistas, e a convivência com os bastidores do teatro foi inevitável. Meu pai, Alfredo, era crooner de boate, e minha mãe, Nena Teixeira, foi a primeira 'nega do cabelo duro' ao lado de Grande Otelo. Assim, segui fazendo teatro também no colégio, até chegar à Escola de Arte Dramática da USP. Na época do vestibular, aos 18 anos, quis fazer um teste vocacional para descobrir o óbvio: o teatro era mesmo a minha paixão.

Tenho no currículo mais de 30 peças e talvez pudesse ter feito mais. Fiquei doze anos em cartaz com o espetáculo *O Mistério de Irma Vap*. Passei por todos os gêneros e diretores, e este ano recebi muitas propostas carinhosas para participar de peças agora em cartaz, mas optei por abraçar o projeto do diretor Édi Botelho e montar o espetáculo *Três Vezes Teatro*. Quis resgatar para as novas gerações autores clássicos como Anton Tchekhov, Luigi Pirandello e Jean Cocteau, um trio *cabeça* que faltava para seguir o meu caminho. Vivemos num universo tão medíocre que é bom dar à platéia algo especial para ouvir, algo que provavelmente irá mudá-la. Porque a função do teatro é essa mesmo: transformar.



É a primeira vez que faço um monólogo. Deixei que os personagens ganhassem o espaço deles e agora empresto apenas o meu corpo e a minha voz para que eles surjam. Costumo dizer que todas as atrizes são primeiras-damas e que todos os atores são primeiros-cavalheiros, apenas pelo fato de terem conseguido, neste país sem memória, chegar ao palco. É para mim uma honra receber as pessoas que saem de casa para prestigiar o ator, quando poderiam ficar em casa de bermuda comendo pipoca. Minha mãe dizia que mesmo que haja uma só pessoa na platéia, já terá valido a pena a escolha do ator !"

Ney Latorraca, abril/ maio de 2000

JORNAL DO TEATRO

Boas Novas

O Rio ganhou um novo teatro em abril. Foi inaugurado, no dia 13, o Teatro Antonio Fagundes, na avenida Ayrton Senna, Barra da Tijuca, que será dirigido pela atriz Rosane Goffman. O espaço cultural foi aberto com a peça de Mauro Rasi **O Crime do Dr.Alvarenga**, com Sérgio Mamberti.

O canto de Elis

Marília Pêra não esconde de ninguém o sonho de interpretar a cantora Elis Regina no teatro. E também anuncia que sente falta de bons diretores, como Aderbal Freire Filho. Olha aí a chance de levar Elis ao público...

A palavra de Hilda Hilst

H.H., o novo projeto do Grupo Alice 118, estréia dia 17 de maio no Teatro da Casa de Cultura Laura Alvim. Sob a direção de Ana Kfouri, leva aos palcos a palavra inquietante da poeta, ficcionista e dramaturga Hilda Hilst — suas iniciais dão o título à peça. O roteiro é abrangente, incluindo trechos de ficção da autora (**Fluxo-Floema**, **Qadós**, **Tu não Te Moves de Ti**), além de poemas e crônicas.

Fera no palco

A montagem carioca de **S.O.S Brasil**, de Antonio Ermírio de Moraes, ganhou Othon Bastos como o Dr. Praxedes, o médico sem caráter que em São Paulo, foi interpretado pelo ator Luiz Guilherme. Um banho de interpretação no palco!

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/Fax: (21) 511-1390 e (21) 511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Rubens Tonelli (arte), Maria Lúcia Rangel e Dalila Magarian (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Divulgação.

PALAVRA DE ATOR

Jorge Dória

A maturidade na arte

"Teatro para mim é tudo, porque é onde consigo não envelhecer. É uma terapia. É onde curo, não as minhas doenças, mas as minhas mazelas, as minhas dores, os aborrecimentos. É difícil conseguir lembrar de quantas peças já participei. Acredito que tenham sido cerca de oitenta. Dentre elas, destaco o William Loan, personagem de *A Morte do Caixeiro Viajante*, de Arthur Miller, o texto que mais me marcou durante a minha carreira. Também destaco os meus papéis em *Escola de Mulheres*, de Domingos de Oliveira, e *A Gaiola das Loucas*. Porém, estou gostando muito de fazer *O Avarento*, que está sendo encenada no Teatro dos Grandes Atores.

Em minha formação teatral tive influência de atores como Manoel Pedro, Afonso Stuart e Eva Todor, que são também do tempo em que comecei minha carreira. Aprendi a trabalhar, trabalhando. Comecei como galã de uma peça da Companhia de Luís Iglesias, da qual a Eva Todor também fazia parte. No entanto, meu primeiro trabalho chegou para mim sem querer. Eu tinha 28 anos, estava sem dinheiro, morava em um hotel na Rua do Catete e o Leoni me chamou para fazer uma parceria escrevendo uma comédia que se chamava *As Pernas da Herdeira*, com o ator Osvaldo Louzada. Esta comédia ficou cinco anos em cartaz com muito sucesso, viajando por todo o país.

Durante este tempo, também tive o privilégio de ter ganho alguns prêmios, o que me deixa muito orgulhoso. Só não ganhei o Molière, porque no Brasil há um preconceito por parte dos intelectuais com a comédia. Costumo dizer que se Molière estivesse vivo, ele também não ganharia o prêmio Molière.

Enfim, fazendo um balanço desta minha carreira, me sinto realmente realizado. Fiz todos os personagens que quis, como o da *Morte do Caixeiro Viajante*, como disse anteriormente. Assisti o gênio Geny Costa na pele do personagem que eu faria tempos depois. O Geny me deu de lembrança a lanterninha que ele usava em cena e eu a guardo até hoje com o maior carinho.

Realmente, me sinto realizado. De agora em diante, fico grato de fazer parte de eventuais elencos e não há mais nada que eu sonhe fazer. Me realizei completamente no teatro."

Alma de todos os tempos

Gabriel Vilella transforma o protesto em efeitos de cena e faz uma epopéia-rock...

Por Dalila Magarian

O diretor mineiro Gabriel Villela não se contentou apenas em mostrar nos palcos a exuberância do barroco mineiro em montagens memoráveis como *A Vida é Sonho* e a versão circense de *Romeu e Julieta*. Ele agora decidiu juntar Jesus Cristo, rock'n'roll e textos de Goethe, Shakespeare e Fernando Pessoa, entre outros pensadores, numa espécie de epopéia que recebeu o nome de *Alma de Todos os Tempos*. A estréia é dia 4 de maio no teatro Rubens Corrêa, em Ipanema, depois de ficar três meses em cartaz, em São Paulo. "O espetáculo é, na realidade, um musical inspirado na vida de Jesus e na forte influência dos jovens contestadores dos anos 60 e 70 nos dias de hoje", explica Villela, que além de assinar a direção concebeu os figurinos e os cenários em parceria com Leopoldo Pacheco.

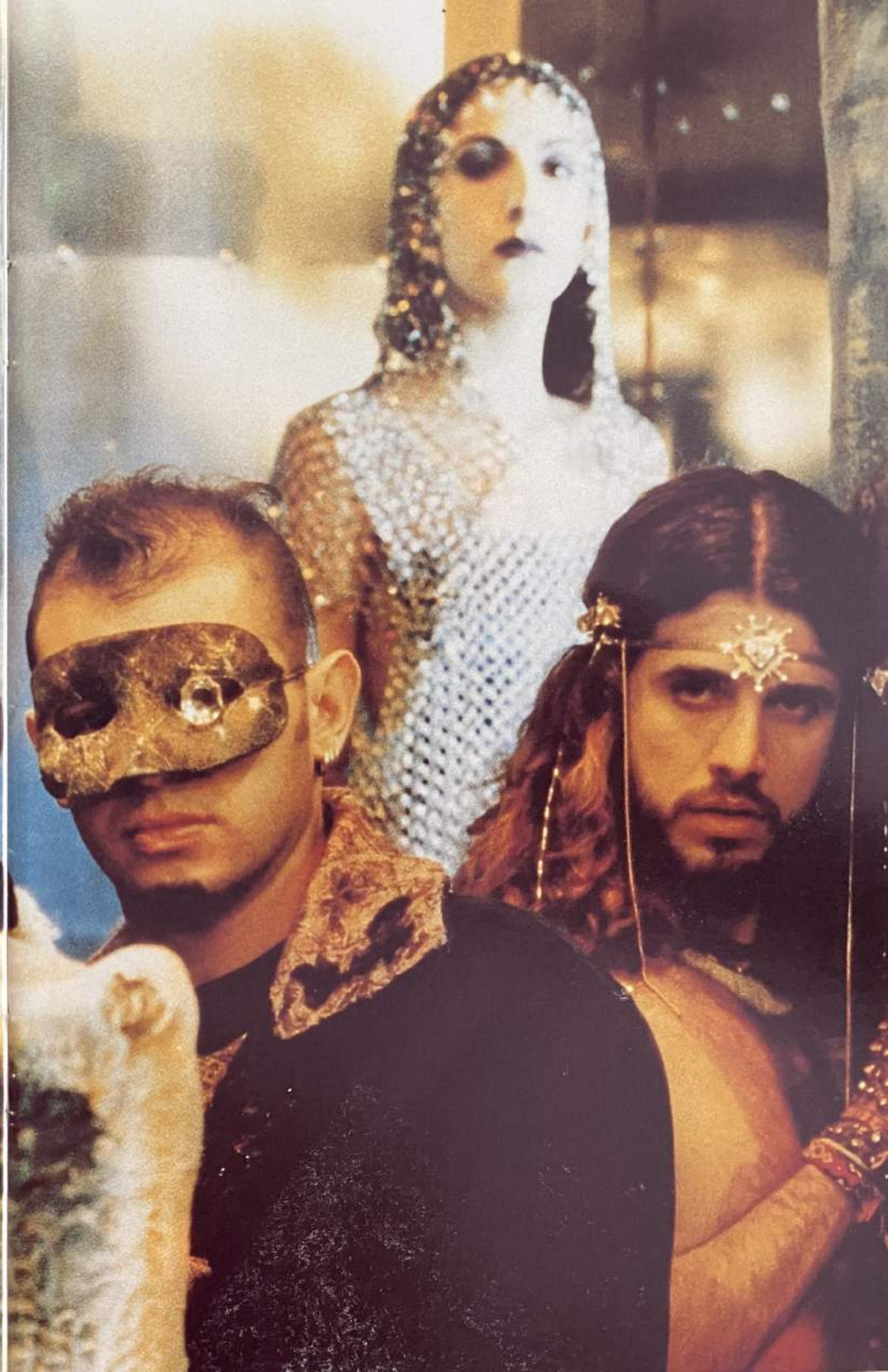
A co-autoria do texto com o músico e ator Eriberto Leão confirmam o namoro de Gabriel Villela com a indústria cultural, cultivado na direção de shows de cantores populares como Milton Nascimento e Ivete Sangalo. Mas o espetáculo é, na verdade, uma colagem de textos de importantes pensadores entremeada de música, ou vice-versa. Alguns desses textos foram transformados em canções, enquanto outros são recitados em meio a acordes de rock. O musical também marca a presença da cantora Nábia Villela, prima do diretor, e a participação da banda Estranhos, que tem Eriberto Leão como principal guitarrista e vocalista.

Na peça, Jesus Cristo é o narrador e está personificado na imagem de Raul Seixas, John Lennon e Jim Morrison. O texto passeia pela era de Aquarius até chegar aos dias atuais, apropriando-se de grandes idéias da humanidade, num caldeirão de metáforas

que serve de pano de fundo para a idéia central: a insatisfação com a aceleração da tecnologia e a perda da identidade. "O que nós fizemos foi colocar um microscópio no DNA da humanidade e estender a idéia de alma de todos os tempos aos poetas, aplicado na figura de Jesus", explica Vilella.

O cenário ganha vida com roupas coloridas, imitando hippies modernos. Segundo o diretor, pretendeu-se uma releitura mítica e alegórica dos preceitos da contra-cultura da indumentária dos anos 70. No palco, foram reproduzidos os círculos de pedra de Stonehenge, estranhas esculturas feitas com menires e dólmens da Inglaterra, como se fossem portais separando o imaginário da realidade. "Os druidas realizavam rituais mágicos para entrar em transe nesses portais de pedra", conta Vilella.

A trilha sonora passa por músicas da legendária banda The Doors além de composições de Raul Seixas, João do Vale e Beatles. Algumas canções foram criadas especialmente para o espetáculo, como *Alguém Precisa Gritar* e *Profecia*, de autoria da banda Estranhos. A iluminação é de Domingos Quintiliano e o design gráfico de Gringo Cardia. Para Eriberto Leão, que além de co-assinar o texto é o protagonista do espetáculo, o musical é uma apropriação de grandes idéias da humanidade. Pode ser que algumas combinações pareçam insólitas à primeira vista, mas a assinatura de Gabriel Vilella deve transformar o espetáculo numa irreverente mistura capaz de deixar o público boquiaberto.



Ai, ai, Brasil

A história que não se conta na escola. Os outros 500...

Por Maria Lúcia Rangel

Para contar a história dos 500 anos do Brasil, Sérgio Britto se cercou de 30 atores e uma superprodução que inclui figurinos de época, música especialmente composta para o espetáculo, cenógrafo importado e um meticuloso trabalho de pesquisa. A revista musical **Ai, Ai, Brasil – os outros 500** ganhou dia de estréia também especial: 22 de abril, no Teatro UniverCidade.

Foi ao descobrir que Arthur de Azevedo fazia o que chamava de Revista do Ano, que Sérgio teve a idéia de montar sua própria Revista, só que bem mais abrangente: 500 anos. Durante três meses, com o co-autor Clóvis Levy e os pesquisadores Robson Cruz, Ana Vacchiano, Regina Gutman, Luiz Joselli e Arthur Oscar, ele pesquisou a história e chegou à conclusão inevitável: "ela é terrível. E eu sabia, mas não me lembrava." Chegou então à conclusão de que a história

real é bem diferente de tudo o que estudou na escola. Se decepcionou tanto com os heróis e os mitos que colocou o rei falando das capitanias hereditárias sentado no colo do pagem: "Se ele era homossexual, não sei. Mas resolvi fazer a brincadeira porque uma Revista tem essa liberdade. Sigo uma verdade história que não é rigorosa".

Além das composições de Caíque Botkay, poderão ser ouvidos trechos de músicas emblemáticas do século 20, como **Baixa do Sapateiro**, **Abaixo do Equador**, **Pelo Telefone, Sabiá**, **Desafinado**. A direção musical é de Jerônimo Sérgio. Os figurinos, de Marcello Maraues. Quem assina a coreografia é Fábio de Mello e a iluminação é de Rogério Wiltgen.

Acompanhe o bate-papo com Sérgio Britto...

Você brinca com a verdade histórica, é isso?

Sérgio Britto: É isso. A parte negativa é fácil de encontrar. Basta lembrar a maneira como os índios foram tratados. Hoje, como constato pelos noticiários, acontecem ainda as matanças. Há 500 anos se repete a mesma coisa. Dos oito milhões e meio de índios não sobraram nem 500 mil.

O espetáculo é também uma denúncia?

S.B.: É uma denúncia. Chamo a peça de a história dos roubos, seqüestros e chacinas. Porque roubaram o pau brasil, o ouro, as pedras preciosas. Até quando D. Pedro declarou a independência, traiu o Brasil, porque a dívida de Portugal com a Inglaterra passou a ser nossa. Quanto aos seqüestros, traziam os negros para cá e matavam também. Chacina? Dos índios.

E como fazer disso uma coisa alegre? Porque o teatro de revista deve ser alegre.

S.B.: Fazendo deboche, caricatura. O melhor raciocínio é que a gente deve pensar nos 500 anos, comemorá-los, mas co-memorar. O Eduardo Bueno usou esta palavra outro dia e gostei muito. Porque o que resta para este país? A raça que nós somos.

Além de autor e diretor, você também atua?

S.B. Só no final, que é um golpe, porque não tem século 20. Se ele fosse feito com a mesma busca dos outros séculos, era uma hora e meia a mais. E para que recordar o século 20? Como estarei falando para pessoas que viveram em outros séculos (ele estará no palco cercado do elenco caracterizado), como dizer que continua tudo igual? O jeito é lembrar sem dizer. Lembra disso? Não vou falar não. E aquilo? Vamos esquecer. Mas, apesar ter chegado à conclusão de que não temos heróis, essa raça é maravilhosa. Acho que somos um povo especial. A atração que o estrangeiro sente por nós não é só sexual. É um pouco mais.

Você deve achar importante comemorar os 500 anos. Ou não faria esta peça.

S.B.: É lógico. Fico pensando: vou destruir os nosso heróis neste espetáculo? Vou. Mas me compensei com uma frase do Brecht: "Pobre do país que precisa de heróis".

No Tom

Ai, Ai, Brasil ganhou 24 composições de Caíque Botkay, que reproduzem os estilos musicais dos séculos 16, 17, 18 e 19. Vários ritmos e influências musicais africanas, indígenas e européias estão em cena, incluindo bons momentos do lundu e outros sons típicos do Brasil colônia. O cenário, do polonês radicado em Paris Zbigniev Wieekovicz, mostra uma floresta, com tecidos pintados por ele um a um.

That's besteirol

Cria dos anos 80, o besteirol já conta com currículo suficiente para ser revisitado. O balanço desses vinte anos está no Teatro Leblon, sala Fernanda Montenegro. Por Maria Lúcia Rangel

Quando, nos anos 80, os teatros cariocas foram invadidos por um humor debochado e repleto de citações, diálogos rápidos e cenas curtas, os críticos se rebelaram. E batizaram o novo estilo teatral de "besteirol". O termo depreciativo, que anunciava apenas uma onda de verão, pegou. E atores e autores se revelaram, como Miguel Falabella, Vicente Pereira, Luiz Carlos Góes, Mauro Rasi, Pedro Cardoso, Felipe Pinheiro. Os primeiros espetáculos são lembrados até hoje, entre eles **Miguel Falabella e Guilherme Karam em Finalmente Juntos e ao Vivo, Bar Doce Bar** e **Classificados Desclassificados**. Vinte anos depois, Aloísio de Abreu e Luiz Salém decidiram que era hora de o besteirol ser homenageado. O resultado está no palco da Sala Fernanda Montenegro, no Teatro Leblon, até sete de maio, onde os dois apresentam **That's Besteirol – Era uma vez nos anos 80**.

Com projeto idealizado por Miguel Falabella e direção de Aloísio de Abreu, o espetáculo reúne duas peças curtas de Mauro Rasi (**Uirapuancy, a cabeça que fala** e **A vedete que não era leviana**), um esquete de Vicente Pereira (**Detetive Santos**) e dois de Falabella (**Avenida Por-do-Sol** e **A Sauna**). Salém e Aloisio revisitam o universo do besteirol em clima de festa e cinema.

"Festa porque o riso solto e a alegria sempre foram a marca registrada do besteirol", explica Aloísio. "E cinema porque seus autores, de uma maneira ou de outra, sempre evocaram o cinema e seu glamour."

Os três autores escolhidos são uma espécie de "Santíssima Zé Trindade do besteirol", brincam Aloisio e Salém. Falabella define cada um: "Mauro sempre foi o mais sofisticado. Eu, o mais popular, falando da classe média. E o Vicente (morto em 93), o mais lírico."

O que está no palco...

Uirapuancy, a cabeça que fala, de Mauro Rasi. O esquete, de **Cabaré S.A**, apresenta Uirapuancy, uma médium que hipnotiza o público.

A vedete que não era leviana, também de Rasi e também exibida em **Cabaré S.A.,** gira em torno de uma vedete obrigada pelo diretor a fazer um número de platéia.

Detetive Santos, de Vicente Pereira, é uma paródia de filme noir que fazia parte do espetáculo **Classificados, desclassificados**. Um detetive recebe a visita de uma cliente num clima de muito mistério e fumaça de cigarro.

Avenida pôr-do-sol, de Miguel Falabella, é uma brincadeira em cima do filme **Crepúsculo dos Deuses**, em que uma ex-atriz recebe a visita de um fã, vendedor de aspirador de pó. Fez sucesso em **Miguel Falabella e Guilherme Karam finalmente juntos e ao vivo**.

A sauna, também de Falabella, tem como cenário uma sauna, onde duas socialites passam a vida a limpo. Fez parte do espetáculo **Sereias da Zona Sul**.

500 anos de humor

Autores, humoristas e escritores homenageiam o meio milênio do Brasil de um jeito todo próprio, destacando fatos e personalidades que renderiam ótimas comédias. Por Maria Lúcia Rangel

"Desde que começou essa badalação em cima dos 500 anos do Brasil, não me sai da cabeça a idéia de fazer alguma sátira relacionada ao fato, no estilo Monty Python ou Mel Brooks. A caravela teria um camarote da *Caras* e um correspondente da *Veja* (Pero Vaz de Caminha). O sinal de "terra à vista"? Latas de maconha boiando. O que significaria que eles estavam chegando, não em Porto Seguro, mas no Posto Nove, em Ipanema. E quem garante que a caravela desembarcou no dia 22 de abril? Ninguém pode saber ao certo, afinal todo mundo mexia naquelas folhinhas do calendário da Pirelli, provavelmente para usar as fotos das modelos seminuas para quebrar a monotonia. Flanelinhas para "estacionar" a caravela (que na verdade era uma só, pois as outras estavam com Fernão Dias, que fazia um documentário para o Discovery Channel) seriam o primeiro obstáculo para uma chegada pacífica da caravana de Cabral. E como dizem que a idéia dele era ir até às Índias, posso concluir que, definitivamente, o Brasil não é um país. É um erro de português."

Bruno Mazzeo, humorista e autor

"Gostaria de escrever sobre o que aconteceu por trás das cenas. Como seria a intimidade de D. Pedro II, por exemplo? Porque ele não gostava de governar? Aliás, governar é muito chato. D. Pedro gostava de viajar, de cultura. Outra coisa que seria engraçado era fazer uma comédia sobre a política brasileira que nem a Bíblia. Se chamaria *Bíblia II – A Vingança*, com cruzamentos malucos de personagens históricos. Gostaria de fazer também as primeiras-damas num concurso de miss. Seriam elas as candidatas. Desde Carlota Joaquina até Rosane Collor, todas envolvidas umas com as outras, numa disputa feroz."

Naum Alves de Souza, autor e diretor teatral

"Um personagem que acho fascinante e até comecei a escrever uma peça sobre ele é o Meneghetti. Por ele ter sido um famoso ladrão e anarquista na São Paulo dos anos 20, a idéia era ele roubar os participantes da Semana de 22 que tinham acabado de ser vaiados no Teatro Municipal. A história, que comecei a escrever com Zé Rodrix – já tinha pesquisa, algumas músicas – e que um dia talvez a gente acabe, era fazer um musical em que uma famosa grã-fina receberia o grupo de 22 para uma grande festa. Meneghetti se disfarçaria de músico da orquestra contratada para tocar e, antes dos convidados chegarem, ele e os companheiros roubariam toda a casa.

Outro que acho que daria uma ótima peça seria o Heleno de Freitas, o mais fantástico jogador de futebol até hoje, do Botafogo. Teve uma vida muito conturbada e conseguiu ser um jogador brilhante. É muito difícil juntar estas duas coisas."

Miguel Paiva, humorista e autor

"Existem diversos fatos ocorridos nestes 500 anos de História do Brasil que podem ser encarados sob um prisma humorístico. Mas uma das personagens mais hilárias da recente vida brasileira, poderia ser tranqüilamente reexumada num excelente esquete de besteirol: Jânio Quadros. Este esdrúxulo cavalheiro, que há quarenta anos foi presidente do Brasil, ainda me parece ser bastante risível e emblemático de um povo meio desnorteado quando chega a hora do voto. Afinal, a vassoura moralista de Jânio obteve uma vitória esmagadora sobre a espada oposicionista do Marechal Lott. O resultado foi um chefe de nação nitidamente desequilibrado, que usava e abusava de ultrapassadas mesóclises para se expressar, de um ridículo modelo safári e de insuportáveis bilhetinhos como forma de conduta profissional. Acabou não durando muito e pedindo a renúncia do cargo num final patético como sua triste figura. É claro que seria cômico, se não fosse sério."

Flávio Marinho, autor e diretor teatral

"O que primeiro me vem à cabeça, é D. João VI. E olha que tenho muito respeito pelos personagens da História do Brasil... Mas adoraria fazer um esquete sobre o ex-conselheiro do Tribunal de Contas, Plínio Planet Buarque, que respondeu ao *Jornal Nacional* sobre as obras superfaturadas, em São Paulo, dizendo que 1 + 1 poderia ser dois, três, quatro... É a matemática que depende do tamanho do saco do ladrão. Apesar de haver a comédia crítica ou patética, este esquete provaria que existe o cinismo de comédia."

Maria Carmem Barbosa, autora e compositora

A república do teatro

Shakespeare, Molière, Martins Pena, butoh, filósofos... Adultos e crianças ganham novos projetos no Teatro Museu da República. Por Dalila Magarian

No mês em que o Brasil comemora 500 anos, o Teatro Museu da República lança novos projetos para valorizar a arte e a cultura no país. Segundo John Vaz, seu coordenador artístico, a idéia é transformar o local numa trincheira do teatro-arte na cidade do Rio de Janeiro. "Convidamos atores de grande destaque e verdadeiramente envolvidos com a arte para desenvolver projetos e montagens nas quais eles possam utilizar toda a sua experiência", conta Vaz, que convidou o ator Stênio Garcia para assumir a supervisão geral do teatro e entrará em ação sempre que um novo espetáculo tiver sido estruturado, assumindo seu comando até a estréia. "Não apenas pelo nome democrático mas também pelo histórico que abriga, o Museu é um local em que se respira a importância dos acontecimentos. Por isso, nossa intenção é provocar palestras e realizações que enriqueçam a nossa atividade artística", diz Stênio Garcia.

Além de manter o teatro adulto funcionando em pleno vapor durante todo o ano e de estrear horários alternativos às quartas e quintas-feiras com peças a preços populares, a diretoria do Museu também lança novos projetos...

■ **Shakespeare e Molière para Crianças.** A intenção é realizar peças de grande qualidade literária oferecendo ao público uma opção às peças comerciais. O projeto marca a inauguração de mais um horário para o teatro infantil: 11h30. A direção das peças está a cargo de Nadeje Jardim e Bruno Bacelar, com supervisão do próprio John Vaz. Entre as peças a serem encenadas este ano, destacam-se *A Comédia dos Erros*, *Doente Imaginário*, *Médico à Força*, *Rei Lear* e *O Avarento*.

■ **Martins Pena para Crianças.** O projeto, ainda em fase embrionária, pretende fazer dos jardins do Museu mais um palco para apresentações das peças de Martins Pena para o público infantil com preços reduzidos. A adaptação dos textos será de Lula Dias. A direção é de Jaime Berenguer.

■ **Butoh.** O Museu está criando a primeira companhia de teatro e dança butoh do Rio de Janeiro, ministrada pelo bailarino Cláudio Fernandez.

■ **Filosofia e o Teatro.** Em parceria com professores da UERJ, está sendo criado um grupo de estudos que a cada dois meses pesquisará a biografia de um filósofo para desenvolver um espetáculo teatral. O evento será aberto ao público. A primeira peça, *Louis Althusser*, já está em cartaz. Os próximos filósofos a serem adaptados serão Deleuze, Nietzsche e Spinoza.

■ **José Celso Martinez Corrêa.** Um dos principais projetos do Museu é a criação da sede carioca do Teatro Oficina de José Celso. "Nossa intenção é montar as peças que ele gostaria de fazer e que por falta de tempo não pode realizar", explica John Vaz. Para tanto, os jardins do Museu devem receber lonas que servirão de estrutura para o camarim e para a sala de cursos, além de uma pequena arquibancada de 100 lugares.

PROGRAMAÇÃO

Teatro Adulto

Sexta a domingo, 20 horas

■ ***Louis Althusser*, direção de John Vaz (maio).**
■ ***Artaud*, de Antonin Artaud e adaptação de Lula Dias (junho e julho).**
■ ***Todos Tus Muertos*, teatro e dança butoh (junho e julho).**
■ ***Camille Claudel*, texto e direção de Mônica Lazar (agosto e setembro).**
■ ***A Última Gravação de Edson Dantas*, de Samuel Beckett com direção e interpretação de John Vaz (outubro a dezembro).**
■ **O Fim, de Samuel Beckett e adaptação de Lula Dias (outubro a dezembro).**

Horários Alternativos

(quartas e quintas, 19h30): Quartas e quintas, 19h30.

■ ***Adis Abeba* (junho)**
■ ***Contos do Amor Obscuro* (julho)**
■ ***Retrato quase Morto* (agosto)**
■ ***As Mãos de Eurídice* (setembro)**
■ ***Cia de Arte Flamenca Simone Abrantes* (outubro)**
■ ***Antônio*, de Almir Ribeiro, baseado em contos de Jorge Luís Borges (novembro e dezembro)**

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Ai, Ai, Brasil – Os Outros 500

A peça de Sérgio Britto e Clovis Levy retrata com humor o Brasil pitoresco e cheio de malícia nas relações entre índios, brancos e negros. Direção de Sérgio Britto. No elenco, Sérgio Britto, Suely Franco e Nildo Parente. Teatro UniverCidade (Rua Humaitá, 275, Humaitá). Fone: 527-1497. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20.

Alice Através do Espelho

A partir da obra de Lewis Carrol o espectador é convidado a acompanhar Alice num mundo permeado pelo nonsense. Texto de Maurício Arruda Mendonça. Direção de Paulo de Moraes. Elenco: Flávia Fafiães, Patrícia Selonk, Simone Mazzer. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, Lapa). Telefone para reservas (máximo de 50 pessoas por sessão): 554-5281. Sábado (18h e 20h) e domingo (18h). R$ 15. Até 4 de junho.

A Erótica Portuguesa

Coletânea de poesias e músicas portuguesas dos séculos XVIII ao XX, tendo como tema o erotismo. Adaptação e direção de Maria Tereza Amaral. No elenco, Suely Franco e Felipe Martins. Casa de Cultura Margarida Rey (Travessa Cristiano Lacorte, 54, Copacabana). Fone: 522-1603. Quarta-feira, 21h. R$10.

Bonitinha mas Ordinária

Texto de Nelson Rodrigues contando a trajetória de Edgard, que desce ao inferno e enfrenta várias formas de tentação para se corromper. Direção de Moacyr Góes. No elenco, Thelma Reston, Roberto Frota, Helena Ranaldi, André Valli, Flávia Guimarães, Leon Góes, Oswaldo Loureiro e Amélia Bittencourt. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 232-8701. Quinta e sexta-feira, 19h. Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 10 (qui., sex. e dom.) e R$ 15 (sáb.). Até 28 de maio.

Camarim

Comédia que reúne três diferentes textos sobre um único tema: o que acontece nos bastidores de um teatro. Textos de Denise Bandeira, Marcelo Saback e Regiana Antonini. Direção de Rafael Ponzi. Com Myriam Rios e Kiko Mascarenhas. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3.555 – Shopping BarraSquare). De quinta a sábado, 21h30, domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.). Até 28 de maio.

Decadência

Comédia. A história de dois amantes pelo ator, diretor, dramaturgo e poeta inglês Steven Berkoff. Direção de Vitor Garcia Peralta. Com Beth Goulart e Guilherme Leme. Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb).

Coração Brasileiro

Trajetória dos personagens de 1964, quando ainda eram crianças, aos dias atuais. Texto e direção de Flávio Marinho. No elenco, Daniel Dantas, Cristina Pereira, Luís Carlos Tourinho e Bia Nunes. Teatro Vanucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. Quarta, 17h. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (qua. e qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Dolores

Musical de Fátima Valença e Douglas Dwigt contando a vida pessoal e a carreira de Dolores Duran. Direção de Antonio De Bonis. Com Soraya Ravenle e José Mauro Brant. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 221-0305. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 10.

Dorotéia

A peça de Nelson Rodrigues volta ao Rio para celebrar seus 50 anos. Direção de Adriano Guimarães, Fernando Guimarães e Hugo Rodas. No elenco, Denise Milfont e Nádia Carvalho. Casa de Cultura Laura Alvim (Av.Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.) e R$20 (sáb.) .

Eles não usam Black Tie

Clássico do teatro brasileiro sobre os conflitos entre pai e filho. Direção de Marcus Vinícius Faustini. No elenco, Ana Lúcia Torres, Sebastião Vasconcelos, Tereza Seiblitz, Eduardo Moscovis, Silvio Ferrari, Anderson Muller e outros. **Teatro Sesi** (Graça Aranha, 1 – centro). Fone: 563-4163. De quinta a domingo, 20h. R$ 20. Até 28 de maio.

Fausto Gastrônomo

Alunos recém formados da CAL encenam o texto de Richard Schechner sobre o desejo exacerbado de poder na era da tecnologia. Direção de Luiz Furlanetto. Teatro Gláucio Gil (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$5 (qua.) e R$10 (qui. a dom.).

H.H.

Compilação de textos da dramaturga, poeta e ficcionista Hilda Hilst. Direção e concepção, Ana Kfouri. No elenco, o Grupo Alice 118. Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15.

Laboratório de Humor

Esquetes humorísticos encenados por Eduardo Moscovis, Isabela Garcia, Alexia Deschamps, Ingrid Guimarães. Concepção de Antônio Vinícius. Palco da Boate W (Rua Visconde de Pirajá, 22, Ipanema). Fone: 523-0302. Todos os domingos, a partir das 22h. R$20 (couvert artístico) e R$10 (consumação).

Louis Althusser – Os Fatos

Baseado no livro Os Fatos que Louis

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Althusser escreveu pouco antes de sua morte em um asilo de loucos. Encenação de John vaz. Texto de Lula Dias. Com John Vaz e Márcia Barros. Supervisão Geral de Stênio Garcia. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sábados e domingos às 20h. R$ 10. Estacionamento próprio. Até 28 de maio.

Maratona

Os encontros e desencontros de um casal são tratados na peça de Naum Alves de Souza, com direção de Darson Ribeiro. No elenco, Fátima Freire e Rogério Fabiano. Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema) Fone: 267-7295. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.) R$20 (sáb.).

O Avarento

Nova Montagem do texto de Molière, traduzida e dirigida por João Bethencourt e encenada por Jorge Dória e Ida Gomes. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.).

O Rei da Vela

Um retrato corrosivo e bem humorado dos mecanismos de ascensão e queda do indivíduo numa sociedade de valores capitalistas. Texto de Oswald de Andrade. Direção de Enrique Diaz, com cenário de Gabriel Villela. No elenco, Drica Moraes, Marcelo Olinto, Cesar Augusto, Malu Galli, Guilherme Miranda e Leonardo Miranda. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66 – centro). De quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 14 de maio.

O Selo e O Sal

Baseado no conto Relações Postais, de José Guilherme Vereza, também contando com cartas de outros autores. Direção de Fábio Cordeiro. No elenco, Cláudia Lage, Flávio Souza e Luana Féo. Espaço II do Teatro Villa-Lobos (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

Os Monólogos da Vagina

O universo feminino na peça de Eve Ensler, com direção de Miguel Falabella. Com Cláudia Rodrigues, Zezé Polessa e Vera Setta. Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo,20h. R$20(qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Que Pena Ser Só

Peça em que João do Rio narra um encontro insólito entre uma prostitua e um invasor. Direção de Marcos Henrique Rego. Elenco: Ana de Novaes, André Gracindo, Cláudio Garcia e Jaqueline Lobo. **Teatro Museu do Telephone/Telemar** (Rua Dois de Dezembro, 63, Catete). Fones: 556-3189 e 556-1148. De sexta a domingo, 19h. R$ 10. Até 14 de maio.

Último dos Homens

Homem apaixonado sequestra sua musa. Peça inspirada no texto O Colecionador, de John Fowles. Direção de Marcos Schetmann. No elenco, Gabriela Alves, Leonardo Franco, Fernando Azevedo e Paula Pereira. Espaço III do Teatro Villa-Lobos (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. De Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$12.

Pequenos Trabalhos para Velhos Palhaços

Reflexão sobre a função do artista e a visão da sociedade em relação a ele. Texto de Matei Visniec e direção de André Paes Leme. No elenco, Alexandre Davi, Augusto Madeira e Cláudio Mendes. Teatro do Planetário (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Terça e quarta, 21h. R$10.

Relax, It's Sex

Comédia musical escrita e dirigida por Wolf Maya sobre situações sexuais inusitadas. Com Danielle Winitz, Adriana Garambone, Heitor Martinez, Malu Valle, Carlos Lofller, Marcelo Saback e Nelson Freitas. Teatro dos Quatro (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Restos Humanos Não Identificados

Personagens procuram o amor e o que encontram é o vazio das relações. Texto de Brad Fraser e direção de Maurício Paroni. No elenco, Felipe Martins, Giovanna de Toni e Fabiana Amorim. Teatro do Planetário (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sexta e sábado, meia-noite. R$10. Até 6 de maio.

SOS Brasil

Texto de Antônio Ermírio de Moraes que aborda a questão da saúde no Brasil atual. Direção de Marcos Caruso. Com Mayara Magri, Rogério Fróes, Jandir Ferrari, Rogério Márcico. Sala Marília Pêra do Teatro do Leblon (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Subversões Três e Meio

Paródias de músicas famosas interpretadas pelo trio Márcia Cabrita, Luís Salém e Aloísio de Abreu. Direção de Stela Miranda. Teatro dos Quatro (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Sexta e sábado, meia-noite. R$25.

Tango, Bolero e Cha-Cha-Cha

Mulher e filho são abandonados pelo marido sem que saibam o motivo. Ele retorna dez anos depois como transexual. Texto de Eloy Araújo com direção de Bibi Ferreira.

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Com Edwin Luisi, Maria Helena Dias e Miguel Thiré. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187 – Centro). Fone: 220-1382. Quinta e sexta-feira, 19h. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$ 20.

Teatro a Vapor

Peça dirigida por Maria Cristina Gatti feita a partir de crônicas de Arthur Azevedo. No elenco, Beatriz Gemal, Betty Schumacher e Jairo Lourenço. Casa de Cultura Margarida Rey (Travessa Cristiano Laporte, 54, Copacabana). Fone: 522-1603. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

Tertúlias Machadianas

Releituras dramatizadas de textos de Machado de Assis por Rosanna Perez, entre elas Quase Ministro, Crônicas na Praça e Matrimônio Segundo Machado. Produção da Cia. De Artes 5ª. Parede. **Torre do Castelinho do Flamengo** (Rua Dois de Dezembro). Fone: 205-0655. Toda quarta-feira, às 19h. Entrada Franca. Até final de junho.

That's Besteirol - Era Uma Vez nos Anos 80

Esquetes de Miguel Falabella, Vicente Pereira e Mauro Rasi encenadas e dirigidas por Aloísio de Abreu e Luís Salém. Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Úteros em Fúria

Três esquetes sobre o universo feminino escritas por Cláudio Paiva e Elisa Palatinik. Direção de Bernardo Jablonski. Com Luciana Fregolente e Maria Clara Gueiros. Casa da Gávea (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

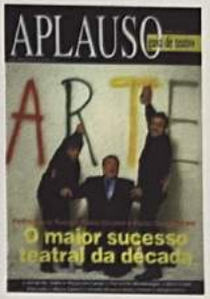
Vassah, A Dama de Ferro

A peça de Máximo Gorki conta a história de uma mulher que faz tudo para salvar o marido, processado por estupro, da condenação e trabalhos forçados. Direção de Alexandre Mello. Com Ítala Nandi, José Celso Martinez Corrêa, José Caetano e Juliana Ruiz. Teatro Villa-Lobos (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui., sex. e dom.) e R$15 (sáb.).

Viva Barcos

O grupo Fosco Aveludado faz uma homenagem a Luiz Antônio Barcos, diretor musical falecido há 10 anos. Canções de Lamartine Babo, Pixinguinha, Rita Lee e Beatles. Porão da Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$10. Até 30 de abril.

Colecione, assine!!!

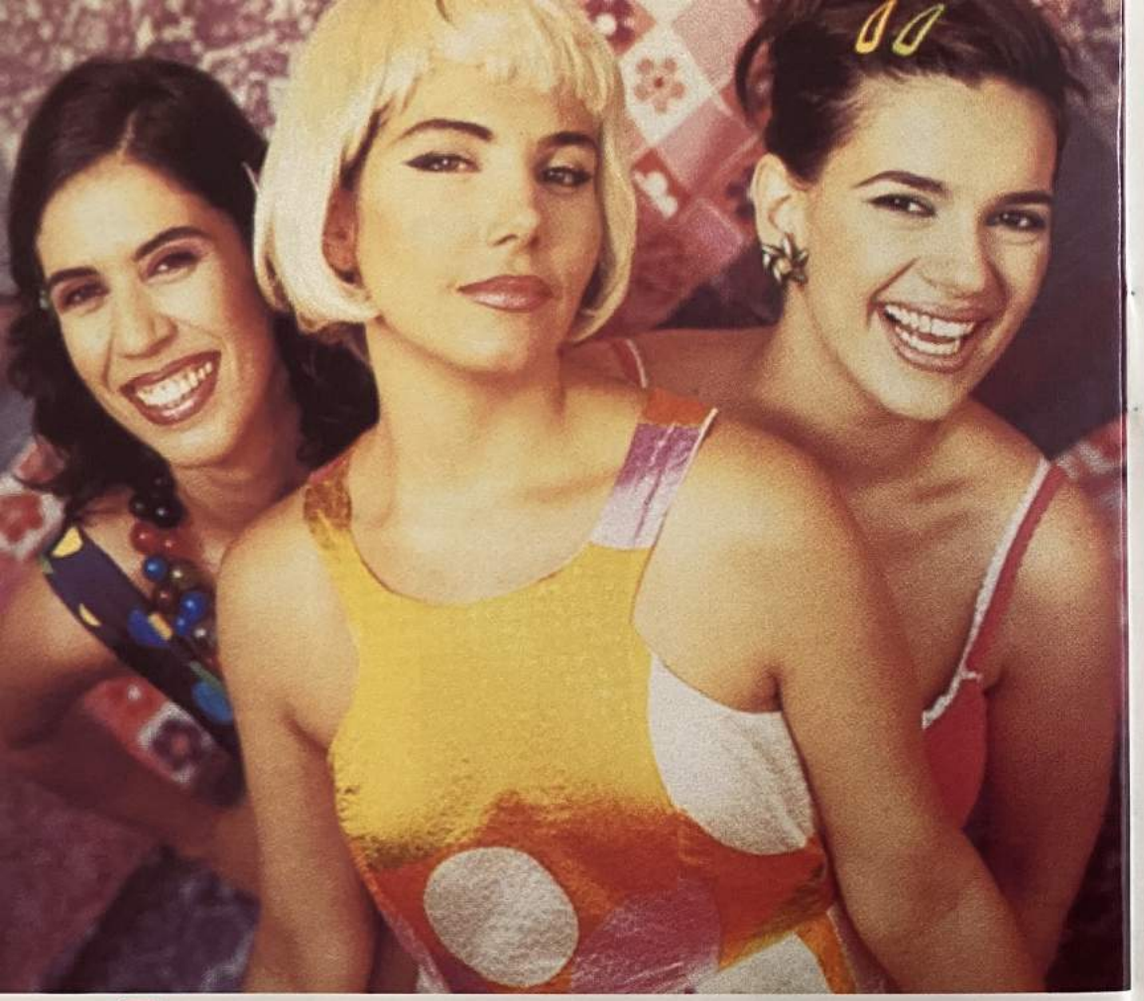


Assinatura semestral

Enviamos para todo Brasil

R$18

Maiores informações pelo tel.: (21) 511-5344 ou e-mail Aplauso@gbl.com.br



Úteros em fúria

Três histórias de mulheres muito, muito impolíticamente incorretas. Por Maria Lúcia Rangel

Só uma mulher saberia do que é capaz em uma situação limite... Uma mulher, no caso Elisa Palatnik, e também o multimídia Cláudio Paiva. Juntos, eles assinam a peça **Úteros em Fúria,** em temporada na Casa da Gávea até o dia 28 de maio e, a partir de 6 de junho, no Teatro Rubens Corrêa. Apesar do século XX ter sido o século das mulheres, que ganharam direito ao voto, a pílula anticoncepcional e queimaram sutiãs em praças públicas, elas se encontram hoje permanentemente à beira de um ataque de nervos. Que o digam o cineasta Pedro Almodóvar e os dois autores da peça... Palatnik e Paiva pretendem mostrar, de forma irônica e quase surrealista, as reações do já complexo e instável sistema hormonal feminino, quando submetido às pressões e ao stress do mundo moderno.

O mesmo humor que fez e faz sucesso na TV (Cláudio é um dos criadores da **TV Pirata**, **Sai de Baixo** e **Megatom,** e Elisa é roteirista do novo **As Garotas do Programa**) os autores utilizaram para apresentar o que consideram a obra-prima de humor negro delirante do final de milênio. O título, **Úteros em Fúria**, diz respeito a três peças curtas que são o estofo de um retrato hiper-realista de mulheres em situações-limite e tragicômicas.

Os três esquetes abordam o universo feminino de uma forma ácida e bem humorada: *Ovários em chamas*, o primeiro, escrito por Cláudio Paiva, se passa dentro de um cativeiro, onde duas socialites aguardam seus maridos pagarem seus respectivos resgates. Enquanto esperam, as duas acertam as arestas de uma relação publicamente conflituosa, em que o dinheiro e o preconceito servem de principal munição.

Em boas mãos, o esquete escrito por Elisa Palatnik, tem como cenário uma sala de cirurgia em pleno carnaval carioca, onde duas médicas têm de operar um paciente especial: o ex-marido de ambas. Gazes, pinças e incisões se misturam a ciúmes, mágoas e desejos de vingança.

Úteros em fúria, nome do terceiro e último esquete, também de Cláudio, começa de forma insólita: uma amiga pede à outra, em plena madrugada, que fique tomando conta de seu filho, enquanto ela vai esconder o cadáver da babá recém-assassinada por ela.

Todas as histórias seguem uma mesma idéia: mostrar o lado mais politicamente incorreto que existe em qualquer relação feminina. E foram escritas especialmente para as atrizes Luciana Fregolente, Maria Clara Gueiros e Heloisa Perissé. Luciana estreou no Tablado em 91, na peça de Luís Fernando Veríssimo *Do Amor Carioca No. 1*, e já participou de várias novelas da Globo, como *O Dono do Mundo* e *Por Amor*. Maria Clara Gueiros foi indicada para finalista do prêmio Mambembe 98, na categoria melhor atriz de teatro infantil, por *Gata Borralheira*, de Maria Clara Machado, e também participou da novela *Pecado Capital*, dirigida por Wolf Maia. Heloisa Perissé está no ar como a viúva do Genaro na Escolinha do Professor Raimundo, no *Zorra Total*. Regendo o grupo, o diretor Bernardo Jablonski, que começou como crítico teatral, em 78, e já tem um vasto currículo como autor e diretor de teatro. Diversão e reflexão para homens e mulheres...

NÃO PERCA

O espectador gostou, assistiu e indica.

Ventriloquist

"É uma comédia dos tempos modernos, que fala da Internet e faz um apelo às pessoas que se expõem na mídia. É mais um texto polêmico de Gerald Thomas e ótima atuação da Companhia Ópera Seca. Tenho certeza de que até os internautas que não gostam de sair da frente do computador vão gostar de fazer essa viagem no palco. Está em cartaz no Teatro Sérgio Porto."

Natália Lage, atriz.

Um Certo Olhar

"Eu recomendo com o maior empenho o espetáculo de Raul Cortez no Teatro das Artes, no qual ele interpreta poemas de Garcia Lorca e Fernando Pessoa. Só para dizer o mínimo, o espetáculo é muito bonito. Imperdível."

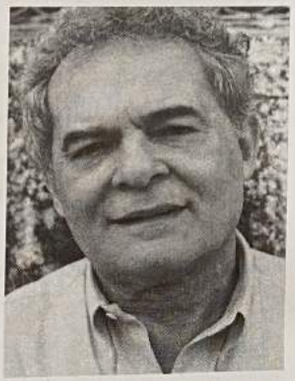
Karin Rodrigues, atriz.

O Rei da Vela

"Assisti ao espetáculo e fiquei apaixonada com o desempenho de cada integrante do grupo Companhia dos Atores, que vem se destacando a cada montagem. Esta peça tem uma boa dose de humor, música e a brilhante atuação de Drica Moraes. Além, é claro, da primorosa direção de Henrique Dias. Vale a pena ver e rever."

Luísa Thiré, diretora e atriz.

Coração Brasileiro



"Gosto muito do trabalho dos atores nessa peça de Flávio Marinho. Acho que o Daniel Dantas está maravilhoso no espetáculo. Sempre tenho um grande prazer quando vou ao teatro e vejo um colega meu trabalhar. Me emociona muito assisti-lo num trabalho fantástico. Confiram."

Othon Bastos, ator.

SPOT

Na festa de entrega do prêmio Cultura Inglesa de Teatro...

Jacqueline Laurence e André Valli.

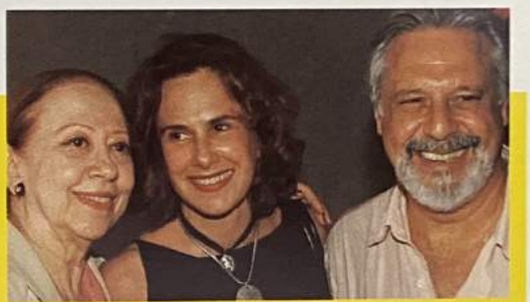
Hugo Possolo, Rosyane Frotta e Emílio di Biasi.

Ernesto Piccolo e Kalma Murtinho.

Selton Mello.

Na estréia do filme Bossa Nova...

Betty Faria e Bruno Barreto.



Fernanda Montenegro, Xuxa Lopes e Antônio Fagundes.

Amy Irving e Drica Morais.

Cena Aberta

Eva Todor em *O Moral do Adultério*, 1966/67

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

multi show

Apresenta:

Peça QUE o Multishow APÓIA

O Multishow saiu na frente. É o primeiro canal de televisão brasileira a fazer making ofs de peças teatrais. Uma Noite na Lua, A Rainha da Beleza de Leenane, Decadência, Coração Brasileiro são algumas das peças que o Multishow prestigiou e apoiou. Se ligue no programa "Multishow em Revista" e fique por dentro dos bastidores das peças que o Multishow apóia.

www.multishow.com.br

Para assistir ao Multishow, assine
Net 0800-992211 ou Sky (0xx11) 3664-6000.

multi show

CANAL GLOBOSAT